

PHILIP KERR

SE OS MORTOS
NÃO RESSUSCITAM

Tradução de José Vieira de Lima

Capítulo 1

Era um daqueles sons que confundimos com outra coisa quando o ouvimos ao longe: talvez uma imunda barçaça a vapor que avança pelo rio Spree espalhando fumarada; as lentas manobras de uma locomotiva sob o grande telhado de vidro da estação de Anhalter; o bafo abrasador e impaciente de um dragão enorme, como se um dos dinossauros de pedra do jardim zoológico de Berlim tivesse ganhado vida e avançasse agora, pesadamente, pela Wilhelmstrasse. Dificilmente pareceria música, enquanto não nos déssemos conta de que se tratava de uma banda militar, mas, ainda assim, soava demasiado mecânica para ser humana. De súbito, a atmosfera inundou-se do estrépito dos pratos e do tilintar dos *glockenspiels*; foi então que, finalmente, o vi: um destacamento de soldados que desfilava como que com o propósito de dar trabalho aos homens que reparavam os pavimentos das ruas. Só de olhar para aqueles militares fiquei com dores nos pés. Vinham pela rua marcando o passo como autómatos, com as *Mausers* dependuradas do ombro esquerdo, balouçando os musculados braços direitos, desde o cotovelo até à águia da fivela do cinturão, com a precisão de um pêndulo, as cabeças erguidas bem alto, enfiadas nos capacetes cinzentos de aço, e os pensamentos – partindo do princípio de que pensavam – concentrados em disparates sobre um povo, um chefe, um império: a *Alemanha!*

Muitas pessoas paravam para apreciar e saudar aquele congestionamento de trânsito feito de bandeiras e insígnias nazis que os soldados arvoravam: toda uma parafernália de panos vermelhos, pretos e

brancos que dariam ótimos cortinados. Vindos de outras ruas, alguns corriam para ver a banda; cheios de entusiasmo patriótico, estariam por certo dispostos a imitar os soldados. Alguns pais içavam os filhos e punham-nos aos ombros para que não perdessem nenhum pormenor do desfile. Alguns miúdos chegavam ao ponto de, sub-repticiamente, avançarem por entre as pernas dos polícias. Apenas o homem que estava ao meu lado não parecia nada entusiasmado.

– Não se esqueça do que lhe vou dizer – confidenciou-me. – Aquele idiota desmiolado do Hitler quer mais uma guerra contra a Inglaterra e a França. Como se não tivéssemos perdido homens suficientes da última vez. Fico doente só de ver tantos desfiles. É muito possível que Deus tenha inventado o diabo, mas foi a Áustria que nos deu o Líder.

O homem que proferia estas palavras tinha um rosto como o do Golem de Praga e um corpo que não destoaria numa carroça com baris de cerveja. Vestia um casaco curto de cabedal e um boné com uma pala que parecia saída da testa. As orelhas faziam lembrar as de um elefante indiano, o bigode assemelhava-se a uma escova de *toilette* e a papada caía-lhe em imponentes dobras. Ainda antes de este inoportuno comentarista ter atirado a sua beata na direção da banda, acertando no músico que tocava tambor, já se tinha aberto um largo círculo à sua volta, como se o pobre homem sofresse de uma doença fatal e altamente contagiosa. Ninguém queria estar perto dele quando aparecesse a Gestapo com os seus métodos muito particulares para curar tais doentes.

Dei meia-volta e afastei-me num passo rápido pela Hedemannstrasse. Estava um dia quente para fins de setembro, quando uma palavra como «verão» me fazia pensar em algo precioso que em breve seria esquecido. Tal como a liberdade e a justiça. O *slogan* que estava na boca de todos era: «Alemanha, acorda!» Só que, a mim, parecia-me que marchávamos todos como autómatos sonâmbulos rumo a um desastre horrendo, mas ainda inimaginável. O que não queria dizer que eu alguma vez cometesse a estúpida imprudência de o dizer em público, muito menos diante de desconhecidos. Claro que eu tinha princípios, mas também tinha os meus dentes para defender.

– Eh! Você! – disse uma voz atrás de mim. – Espere um minuto. Quero falar consigo.

Continuei a caminhar e o dono da voz só me apanhou na Saarlandstrasse – que se chamara Königgrätzer Strasse até que os nazis decidiram

que todos deviam ter bem presente o Tratado de Versalhes e a injustiça da Sociedade das Nações.

– Não me ouviu? – perguntou.

Agarrou-me pelo ombro, empurrou-me contra uma coluna publicitária e mostrou-me um disco de bronze na palma da mão. Assim, era difícil perceber se o homem pertencia à polícia local ou estatal, mas, pelo que eu sabia acerca da nova polícia prussiana de Goering, só os detentores dos cargos mais baixos usavam aqueles discos de bronze, que se confundiam com tampas de garrafas de cerveja. Não havia mais ninguém no passeio e a coluna publicitária protegia-nos do olhar de eventuais automobilistas. Não que a coluna tivesse muitos anúncios. Ultimamente, a publicidade quase se limita aos cartazes que proíbem os judeus de pisar a relva dos jardins.

– Não, de facto não ouvi – retorqui.

– O homem que falou consigo. Que traiçoou o nosso amado Líder com palavras horríveis. Deve ter ouvido o que ele disse. Estava mesmo ao pé dele.

– Não me lembro de ter ouvido nada que pudesse ser interpretado como uma traição ao Líder – respondi. – Sabe, é que eu estava com muita atenção à banda.

– Então porque é que se foi embora assim tão de repente?

– Lembrei-me de que tinha um compromisso.

As faces do polícia afoguem-se um pouco. O rosto não era agradável. Tinha olhos sombrios, ameaçadores, a boca rígida e escarvinha e o queixo bastante proeminente. Era um rosto que por certo não temeria a morte, visto que se parecia já com uma caveira. Se Goebbels tivesse um irmão mais alto e mais fanaticamente nazi, seria por certo aquele homem.

– Não acredito – disse o polícia e, fazendo um estalido impaciente com o polegar e o dedo do meio, ordenou: – A sua identificação, se faz favor.

O «se faz favor» era sem dúvida muito simpático, mas nem mesmo assim me sentia disposto a mostrar-lhe a minha identificação. A secção oitava da segunda página especificava a minha profissão – a profissão que sempre tivera e que agora continuava a exercer. E, visto que eu trocara a polícia por um hotel, teria sido o mesmo que dizer-lhe que não era nazi. Pior ainda: um homem como eu, que fora obrigado a deixar o quadro de inspetores da polícia de Berlim por causa da sua fidelidade à

República de Weimar, tinha todas as razões e mais algumas para ignorar alguém que comentasse a atuação do grande Líder da nação de uma forma mais ou menos traiçoeira. Se é que, no caso em apreço, se podia falar de traição. Mas eu sabia que o polícia acabaria por deter-me unicamente para me estragar o dia; e uma mera detenção implicaria, muito provavelmente, uma estada de duas semanas num campo de concentração.

Deu de novo um estalo com os dedos e, por um instante, como que entediado, deixou de olhar para mim.

– Vá, despache-se, eu não tenho o dia todo.

Por um momento, limitei-me a morder o lábio, irritado com a intimidação constante a que era sujeito – por parte não só daquele polícia com cara de cadáver, mas de todo o Estado nazi. O meu apoio à República de Weimar obrigara-me a deixar o cargo de detetive de primeira classe na KRIPPO¹ (um trabalho que eu adorava) e fizera-me sentir como um pária. É um facto que a República tinha muitos defeitos, mas, pelo menos, era democrática. E, desde o seu colapso, Berlim, a minha cidade natal, estava irreconhecível. Antes, era a cidade mais liberal do mundo. Agora, fazia lembrar uma praça de armas do exército. As ditaduras parecem sempre boas até que alguém começa a dar-nos ordens.

– É surdo?! Mostre-me já a merda da sua identificação! – O polícia voltou a dar um estalo com os dedos.

A minha irritação transformou-se em raiva. Meti a mão esquerda no bolso interior do casaco, como que à procura do documento que me identificava, fazendo girar o corpo apenas o suficiente para dissimular o punho direito, já preparado para o que desse e viesse. E, quando o enterrei na barriga do polícia, é crível que todas as forças do meu corpo se tivessem concentrado nele.

Sim, o murro foi demasiado violento. De uma violência por certo desnecessária. O murro esvaziou o homem de todo o ar que pudesse ter nos pulmões. Um tal murro no estômago de um homem deixa-o paralisado por um período muito razoável. Por um momento, aguentei com o corpo inconsciente do polícia contra mim e, depois, entrei pela porta giratória do Deutscher Kaiser Hotel, abraçado a ele como se estivessemos a dançar a valsa. A minha raiva estava já a transformar-se em algo que raiava o pânico.

¹ Abreviatura de Kriminalpolizei, o equivalente à polícia judiciária portuguesa. (*N. do T.*)

– Acho que este homem teve um ataque qualquer – disse ao porteiro, que nos fitava com o sobrolho franzido, e deixei cair o corpo numa poltrona de couro. – Os telefones do hotel? Vou chamar uma ambulância!

O porteiro apontou para lá da esquina do balcão da recepção.

Desapertei o nó da gravata do polícia só para mostrar que estava interessado no seu bem-estar e fiz de conta que me dirigia para os telefones. Porém, mal passei a esquina, meti por uma porta de serviço, descí umas escadas e abandonei o hotel pela zona das cozinhas. Vi-me numa ruela que dava para a Saarlandstrasse e dirigi-me rapidamente para a estação de Anhalter. Por um momento, pus a hipótese de apanhar um comboio. Depois, vi o túnel do metro que ligava a estação ao Excelsior, que era o segundo melhor hotel de Berlim. Ninguém pensaria alguma vez em procurar-me ali. Não tão perto de um lugar bastante óbvio para me escapulir. Além disso, o Excelsior tinha um excelente bar. Não há coisa que nos dê mais sede do que deixar um polícia inconsciente com um valente murro na barriga.